

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE ENFERMAGEM

**NUPEQS - Núcleo de Pesquisas e Estudos
sobre Quotidiano em Saúde**

Sub Grupo História Oral

***A História da Escola de Enfermagem Carlos
Chagas***

WALMYRA TEIXEIRA MARTINS

Belo Horizonte

Minas Gerais

Traços Biográficos

WALMYRA TEIXEIRA MARTINS

Nasceu a 17 de Agosto de 1913, em Bom Sucesso, Minas Gerais. Filha de fazendeiro, teve que ir para a cidade estudar. Coursou o primário em São João Del Rei e o ginásio no Colégio Santa Maria em Belo horizonte. O primeiro contato com a enfermagem foi durante o ginásio no curso de socorros de urgência ministrado por Laís Netto dos Reis. Ingressou na Escola de Enfermagem Carlos Chagas (EECC) em 1936, concluindo o curso em 1940.

No período vivenciado na EECC, a direção estava a cargo de Laís Netto Reys e, posteriormente de Waleska Paixão. Morou no internato durante todo o curso. Esteve doente e submetida a tratamento médico por seis meses. Gostava das aulas práticas, principalmente de anatomia e de técnicas de enfermagem. Participou de solenidades como a dama da lâmpada e da imposição das insígnias. Relembra com detalhes dos discursos sobre atitude ética da enfermeira, proferidos por Laís, nessas festividades. Segundo Walmyra, “Laís sempre trabalhava para que o nível da enfermagem fosse alto (...), ela fazia questão de fazer seleção das alunas. Não era qualquer uma que entrava na Escola não. Principalmente, assim, a parte moral”.

Fez estágio no Pronto Socorro, Hospital São Geraldo, Hospital São Vicente e Hospital São Francisco de Assis. Acha que as alunas eram muito exploradas como mão de obra nos hospitais.

Faz menção a Laís como uma pessoa carinhosa - uma mãe e que, também, tinha uma forte influência política. Trabalhou como enfermeira visitadora em centro de saúde de Belo Horizonte e em outros municípios do Estado. Trabalhou também no Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), em várias regiões do país, como uma pioneira, organizando serviços de saúde pública, fiscalizando e administrando postos de saúde. Foi docente na área de obstetrícia da Escola de Enfermagem de Manaus. Trabalhou no Sanatório João Penido, em Juiz de Fora, e no Ministério da Saúde. Trabalhou ainda em hospitais particulares após a sua aposentadoria. Foi presidente da Associação Brasileira de Enfermagem Seção Juiz de Fora; participou do Congresso Brasileiro de Enfermagem em Belo Horizonte, em 1984. Após o término de sua atividade, como enfermeira, retornou à sua fazenda, no interior de Minas Gerais, como que voltando às suas origens.

SUMÁRIO

FITA 1 LADO A

Dados pessoais; a mudança para Belo Horizonte; o ginásio no Colégio Santa Maria; os primeiros contatos com a enfermagem; a vida pessoal de Laís Netto Reys; o ingresso ao curso de enfermagem; o trabalho de Laís em prol da enfermagem; a disciplina exigida no curso; as professoras; a solenidade de imposição de insígnias; o número de alunas na turma e o nível social das mesmas; as aulas de anatomia; a vida no internato: funcionários, moradores; o capelão; o dia-dia e o quarto coruja; a mudança do internato; as festas; o seu casamento; a saída de Laís da direção da EECC; a direção de Clitmenestra Pessanha e de Waleska Paixão; as aulas teóricas.

FITA 1 LADO B

O ensino prático; a função da aluna senior; o estágio no Pronto Socorro; a exploração das alunas como mão de obra nos campos de prática; o relacionamento das alunas no hospital com os funcionários e a equipe médica; a mudança de localização do internato; o curso de emergência destinado as professoras no período do Governo de Getúlio; a relação de Laís com os políticos; as solenidades de imposição das insígnias; o significado da cerimônia da dama da lâmpada e da braceira; o trabalho como enfermeira visitadora no centro de saúde modelo de Belo Horizonte; o pedido de transferência para Guanhães - MG; o trabalho na saúde pública: visitas, vacinações, atividades educacionais aos moradores; o trabalho e o salário no SESP - PE; a sua atuação como enfermeira de saúde pública; a conciliação da vida profissional da entrevistada com a vida pessoal; o tratamento dado pelo SESP às enfermeiras; a experiência em saúde pública adquirida no SESP e a facilidade em montar postos no centro regional de Divinópolis - MG.

FITA 2 LADO A

A experiência como enfermeira de saúde pública e o relacionamento com os colegas; o motivo do término do trabalho no SESP; a experiência adquirida ao trabalhar com doenças transmissíveis no Sanatório João Penido; o cuidado ao paciente tuberculoso; o trabalho em hospitais particulares na área de obstetrícia e na Secretaria de Saúde após sua aposentadoria; o Congresso Brasileiro de Enfermagem de 1984, em Belo Horizonte; o período como presidente da ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem) em Juiz de Fora; o término de sua atividade

FITA 1 - LADO A

Valda: Seu nome completo, Walmyra.

Walmyra: Walmyra Teixeira Martins.

V.: É, fala um pouco, pra gente, onde você nasceu, quando você nasceu.

W.: Eu nasci em Bom Sucesso, Minas Gerais em 17 de Agosto de 1913. E, em Bom Sucesso eu passei metade, até os cinco anos eu morei em Bom Sucesso. Depois nós mudamos pra fazenda, meu pai tinha fazenda, e na fazenda eu fiquei até o período escolar. Depois quando eu fui pro colégio, eu fui pro colégio das vicentinas em São João Del Rei (MG), colégio Nossa Senhora das Dores e fiz o primário lá. Depois, papai me transferiu para Belo horizonte (MG), e eu fiquei, colégio Santa Maria dirigido pelas dominicanas, né? Ai eu terminei o ginásio lá. Depois do ginásio eu passei uma temporada na casa de minha tia no Rio (RJ), depois eu voltei a Belo Horizonte. Agora, no período que eu estava no colégio Santa Maria que eu conheci a dona Laís, porque ela foi hóspede das irmãs no colégio Santa Maria.

V.: Você sabe quando que foi isso? (som de tic-tac do relógio).

W.: 1933, que ela foi para Belo horizonte; 1932 parece, que ela já tinha contado com as dominicanas, que ela era muito amiga das dominicanas, que as dominicanas ofereceram colégio para ela morar no colégio até a fundação da escola [Carlos Chagas], né? E ela, ai é que eu tomei conhecimento da profissão, né? Fiz o curso de, estava no quarto ano, no quinto ano de ginásio e ela convidou as, as alunas do quinto ano para fazer um cursinho no Hospital São Vicente, da Cruz Vermelha. Então, foi a primeira vez que eu tive contato com a enfermagem e com o hospital.

V.: Curso de quê?

W.: Curso de socorros de urgência. Nós fizemos um ano de curso, com ela.

V.: Um ano de curso?

W.: É, foi. Um ano.

V.: Depois desse curso, você...

W.: Depois desse curso, eu ai entrei para escola, né, saí do colégio, fui pra escola muito assim, muito contra a vontade dos meus pais, porque eles não queriam que eu fizesse enfermagem. Mas eu consegui fazer. Agora, nossa turma era muito pequena, eram só cinco alunas, tinham três que não tinham condições de fazer o curso; não foram admitidas e ficou só nós:(inaudível) e eu. Então, nós esperamos na outra turma, que era de seis em seis meses, né? as turmas. Então eu esperei a outra turma, mas esse, nesse período de seis meses, como a gente tinha tido a parte

técnica na sala de demonstração, então, eu fiquei ajudando na pediatria, sabe? Trabalhei muito tempo na, na pediatria. Quando a, a turmas chegou e ficou seis primeiros meses, porque os seis primeiros meses a gente ficava só nas aulas teóricas e na sala de técnica. Nesse tempo, a gente, nesse período não usava uniforme. Era uniforme branco, então, quando completava seis, seis meses que a gente recebia o uniforme com a braceira, né? E nesse período, quando recebia o uniforme aí eu fiquei como monitora da turma.

V.: Essa solenidade de entrega da braceira, fala um pouco pra gente, tinha, como que era essa [solenidade]?

W.: Tinha, era, era assim uma cerimônia simples mas, a, a dona Laís sempre falava qualquer coisa a respeito da atitude da enfermeira na enfermaria sabe? Falava um pouco sobre ética e entregava os uniformes. Ela dizia que era um dia solene, que era mais um passo na nossa profissão, e a dona Laís sempre trabalhou pra que o nível da enfermeira fosse muito alto, sabe? Aí ela fazia questão de fazer uma seleção de alunas na escola, sabe. Não era qualquer uma que entrava na escola não. Principalmente assim, na parte moral, sabe? Ela fazia questão, sabe? E a dona Laís como, todos, acho já devem ter falado sobre ela, né? Que ela ficou viúva aos 22 anos, o esposo dela era juiz, morreu com febre tifóide, foi um engano... , erro médico. Ela morava em Petrópolis (RJ), aí ela ficou assim, muito apaixonada, e a família que tinha posse, ela, era de uma família de condições elevadas, sabe? E, eles convidaram pra ela passar uma temporada em Petrópolis, Petrópolis não, em Poços de Caldas. Ela foi fazer uma estação de águas. Lá eles encaminharam pra ela fazer uma confissão com um padre, pra poder confortá-la, sabe? E o padre, ela foi, diz que desejava seguir uma profissão para fazer o bem a alguém, pra retribuir aquilo que ela não pode fazer pro marido, dar assistência completa a ele. Então, ele aconselhou ela a voltar para o Rio (RJ), foi quando Carlos Chagas estava fundando a Escola Anna Nery, né? Então, aí ela foi uma das primeiras da Escola Anna Nery. E ela teve, foi, depois que terminou o curso, ela teve na Inglaterra, teve nos Estados Unidos e teve na França. Depois é que ela voltou pro Brasil. Quando ela voltou, ela quis fundar a escola em São Paulo e o governo de São Paulo não aceitou. Então, ela veio em Minas, conversou com o Governo, aí o Governo aceitou, ela então fundou a Escola Carlos Chagas, ela escolheu o nome por causa do fundador, já da Escola Anna Nery.

V.: Mais alguma coisa sobre a Laís nesse período antes da escola?

W.: Aquela, era uma mulher assim, espetacular viu? Exemplo de mulher assim que é, tinha enfrentado assim um né? Não digo o mundo, mas tinha enfrentado diversas dificuldades, né? Assim, intimamente dela, a luta interior da perda do marido e ela desempenhava muito bem. Agora, ela fazia questão que a aluna freqüentasse a alta roda e ela dava oportunidade às alunas,

ela promovia festas dentro da Escola, quando ela sabia que tinha um estudante que estava gostando de uma enfermeira, ela procurava dar oportunidade deles saírem juntos, menos na enfermaria, na enfermaria a disciplina era rigorosa, mas fora não. Aos sábados, aos domingos sempre a gente ia dançar; ela mandava uma das instrutoras, das professoras lá acompanhar as alunas. De forma que ela dava oportunidade pra aluna freqüentar a sociedade, sabe? E os nossos professores foram todos professores da universidade, as nossas aulas todas, eram dadas na universidade, realmente nós tínhamos, aprendíamos anatomia, o nosso professor era excelente; que era o Alício de Abreu, parece que o sobrenome dele é esse mesmo e ensinava a dissecar cadáver e tudo, sabe? Eram aulas muito boas, no primeiro momento a gente tinha aquele choque, mas depois a gente acostumava. E eu gostava muito de anatomia, porque os seis primeiros meses foi muito difícil pra nossa turma porque por causa de desigualdade de cultura de aluna, sabe? Então como eu tinha feito o ginásio eu tinha mais facilidade do que as outras que não tinham, sabe?

V.: Desigualdade no sentido de?...

W.: De cultura.

V.: Facilidade de aprender...

W.: Facilidade de aprender.

V.: De conhecimento?

W.: É, de conhecimento e tudo.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Walmyra, voltando só um pouquinho, antes de você fazer enfermagem, né? É aliás, seu estado civil e se você tem filhos, a sua vida anterior.

W.: Ah, anterior? Depois que eu saí da Escola eu fiquei conhecendo esse rapaz com que eu me casei, que era advogado, na época ele ainda era estudante mas, eu me casei com ele, tive cinco filhos e não deu certo. Aí depois, eu, aí já era, já tinha recebido o diploma, né? E eu me desquitei.

V.: Você se casou enquanto aluna ou depois?

W.: Não, depois de formada.

Geralda: Quando que você casou e quando que você desquitou?

W.: Em 1940. Eu me desquitei em cinquenta e dois, tive doze anos casada, tive cinco filhos.

V.: Neste período?

W.: Nesse período.

V.: Walmyra, quando é que você entrou para a Escola?

W.: Foi em...

V.: Você cinco que, esperaram um certo tempo...

W.: É. Foi em trinta e ... trinta e cinco.

V.: Trinta e cinco, vocês entraram e esperaram?...

W.: É. Eu terminei o curso de ginásio em, em trinta e quatro, trinta e cinco, trinta e seis eu fui pra escola de enfermagem. Terminamos em quarenta, terminei em quarenta.

V.: Por que teve que esperar?

W.: Tive que esperar.

V.: Por que que sua família não queria que você fizesse enfermagem?

W.: Por que naquele tempo a enfermagem ainda não era conhecida e quem fazia a enfermagem era do nível muito inferior ao nosso, né? Em cultura, em moral, em tudo, né? E nesse ponto foi que a dona Laís trabalhou muito pra que o nome da enfermeira fosse mudado, né? Que olhasse a enfermeira com um outro, um outro tipo de vida que ela levava, não como foi em mil novecentos, mil e oitocentos, né? São Francisco de Assis, né? Foi a época negra da enfermagem.

V.: Fala pra gente como é que foi a seleção para você entrar na Escola?

W.: Apresentava o diploma, ela fazia um levantamento da aluna, sabe? Aí nós começávamos. E no período do estudo é que fazia mais ou menos a seleção, via a capacidade da aluna.

V.: Naqueles primeiros seis meses?

W.: É, nos primeiros seis meses.

V.: Tinha nenhum tipo de teste, só entrevista com ela, na entrada.

W.: É só entrevista.

V.: Você quando entrou na Escola, você foi interna?

W.: Fui. Fui o tempo todo interna.

V.: Fala pra gente como que era a vida no internato.

W.: No internato era muito bom, sabe? Ela fazia questão de que a enfermeira tivesse todo o conforto, sabe? A Escola era muito limpa, sabe? A disciplina era muito boa e era nosso capelão o monsenhor Álvaro Negromonte, né? E ele teve assim, uma influência muito grande na Escola, porque ele foi capelão durante o tempo todo que nós tivemos na Serra [bairro de Belo Horizonte] lá na rua do Chumbo, né? E depois quando a dona Laís saiu, foi assumir a direção da Escola Anna Nery ficou Clitemnestra [Pessanha, assistente de Laís].

V.: Só um pouquinho, voltando um pouquinho ainda na vida, do, do internato. Pagava-se alguma coisa para morar no internato?

W.: No princípio nós não pagávamos, porque a verba era uma verba razoável e nós tínhamos uma alimentação muito boa, sabe? Não faltava fruta pra enfermeira, tinha uma alimentação excelente, sabe? E no fim, quando a dona Laís saiu, aí nós começamos a pagar uma pensão, sabe? E quando a aluna já estava assim mais adiantada ela fazia serviço particular, nesse serviço particular nós contribuimos com o pagamento da dívida da Escola. Então, nós trabalhamos, a primeira turma, nós trabalhamos muito pra pagar uma dívida da Escola. Todas participaram dessa dívida.

V.: Que dívida era essa?

W.: Era dívida de despesa de Escola, de despesa, de complemento de alimentação.

V.: Quem morava no internato além das alunas?

W.: As professoras.

V.: Quais?

W.: Maria Rocha, a Maria. Outra, como é que chamava, vou lembrar daqui a pouco; Ilda e tinha, que vieram do Rio (RJ) com a dona Laís: Flora e Carmem Mesantier.

V.: Tinha , a Walda? [Paixão, irmã e Waleska Paixão]

W.: A Walda, a Waleska não entrou logo no princípio não. Ela já entrou como professora, eu não me recordo qual é a matéria que ela entrou. Mas quando ela entrou ela, dona Laís aconselhou, porque a Waleska, tinha já, também, entrado pro convento e ela não teve condições de saúde para permanecer no convento, mas era uma, uma pessoa assim de cultura assim muito boa, sabe? A família dela, também, de uma cultura elevada, ela era filha de engenheiro, sabe? Morava em Petrópolis (RJ). E ela lecionava, ajudava a lecionar, e a tomar conta das alunas.

V.: A Waleska?

W.: A Waleska. Aí, quando ela entrou, nós, ela não tinha muito jeito pra técnica, sabe? Ela dizia que manualmente ela não executava bem, mas intelectualmente ela era a primeira aluna da classe.

V.: A Valda veio com a Waleska também?

W.: Não. Veio depois. A Valda era professora de canto.

V.: Morava no internato também?

W.: Morava também no internato. A Waleska também morava no internato. E no canto, ela fazia questão que todas freqüentassem o curso de canto, sabe? Um dia eu tinha um plano para sair com meu namorado, então fui, fui ao cabeleireiro, fui me arranjar pra podermos sair. E faltei à aula, de canto. Aí ela me suspendeu, tive uma suspensão de oito dias, quase terminando o curso, só pela falta da aula de canto. E aí eu me revoltei, fui ao padre Negromonte e disse ao padre Negromonte as falhas da Escola. Ele foi, me perguntou: “você teria coragem de falar com a

Waleska?” Eu falei assim: coragem tenho, mas eu acho que eu estou com tantas raiva que não convém eu falar agora. E ele disse assim: “E escrever - você escreve?” Falei assim: escrevo. Ele disse assim: “mas você não manda a carta, sem trazer a carta pra eu ler.” Eu levei a carta e ele riscou muita coisa que eu estava falando pra Waleska. Falou: “agora tá bom, agora você pode mandar a carta, você leva a carta.” Falei assim: levo. Quando eu terminei o curso, nesse meio, nesse período dessa suspensão eu que fazia as injeções no padre Negromonte; que ele dizia, que eu tinha a mão muito leve e que ele tinha me escolhido como enfermeira dele, sabe? Então, ele disse: “Walmyra, você pode fazer uma injeção hoje? Que horas que você está de folga?” Eu falei assim com ele: Estou de folga o dia inteiro. E ele foi me perguntou: “o dia inteiro?” Eu falei assim: É, o dia inteiro. Mas ele já sabia, que já havia contado pra ele que eu estava suspensa. Então, ela estava tomando café, que ele celebrava a missa e tomavam café conosco lá na Escola. Então, ele olhou, mas ela não falou nada, ela abaixou a cabeça e ficou quieta. E durante os oito dias eu fiquei na Escola e, mais ou menos assim, sem permissão de sair nem nada porque estava suspensa, né? Quer dizer, de sair. Quando terminou, a Primavera Colasso Veras, era muito amiga; e a Primavera era secretária da Escola, eu fui pedir a Primavera para quando a Waleska chegasse, na secretaria, porque nesse, nesse tempo nós já estávamos, já tínhamos saído da Rua do Ouro [Estevão Pinto], estávamos morando na Rua Santa Rita Durão, que era pertinho do Palácio - o internato. O escritório era perto dali, da Praça da Liberdade. E a Waleska entrou, e logo em seguida ela me telefonou, eu subi e entreguei a carta. Quando ela me viu, ela pensou que a carta era um pedido de desculpas. Quando ela leu a carta, ela ficou muito trêmula e falou com a Primavera: “Lê a carta.” Ela falou assim: “eu já li.” Ela falou assim: “eu vou conversar com o padre Negromonte.” Ela falou assim: “o padre Negromonte também já leu a carta.” Aí, que ela descontrolou, ela tinha que dá uma aula de religião na escola normal substituindo a dona Maria Luiza da Cunha. Ela não pode dar essa aula, telefonou que não tinha condições de dar aula, mas depois acertou tudo, porque ela conversou com o padre, se desculpou e ele chamou atenção dela porque tinha coisas graves que estava passando na Escola e não era do conhecimento dele, porque ele ajudou muito, sabe? Na direção assim, da Escola, porque elas iam, consultava com ele, que, que podiam fazer e tudo. De forma que foi assim...

G.: Qual que era o conteúdo dessa carta? Que coisas graves que passava na Escola?

W.: A irregularidade assim de alunas, sabe? Casos de aluna que ela não, não chamava a atenção. Agora tinha umas que era assim, muito visadas na Escola, que era assim mais, mais, como é que digo?

V.: Saídas?...

W.: Mais... é.

V.: Mais castigadas.

W.: É, mais castigadas pelo temperamento, né? Da aluna, sabe?

V.: Isso você achava que era injusto?

W.: É, que era injusto, né? Que o tratamento deveria ser todo por igual.

V.: Estas irregularidades da Escola eram relacionadas à disciplina?

W.: A disciplina. É.

V.: Que eram muito rígidas?

W.: É, que eram muito rígidas.

V.: E injusta, às vezes?

W.: É.

V.: Você falou antes que a Waleska não pôde ficar no convento por problema de doença...

W.: Foi.

V.: Que doença que ela tinha nessa época?

W.: Ela não tinha muita resistência física, ela tinha uma enxaqueca de, no período que ela ficava menstruada; ela tinha essa enxaqueca e ficava de cama, né?

V.: Isso a impediu de ficar no convento?

W.: Impediu, no convento.

V.: Você se lembra se tinha algum caseiro no internato?...

W.: Não.

V.: Os funcionários, que eram os funcionários além desses que você falou?

W.: Tinha a, dona Georgina Otoni, que era ecônoma, né? Tinha uma cozinheira que eu não lembro o nome dela, tinha duas copeiras e tinha um rapaz que era o jardineiro com um outro mais velho.

V.: Você não se lembra dos nomes deles?

W.: Não.

V.: Tinha um casal alemão, não?

W.: Tinha, tinha um, esse casal alemão morava também na Escola, morava no porão da Escola. Era um senhor já idoso com a mulher, sabe? Ele que era o jardineiro e outro era mais moço, era o ajudante dele.

V.: Eles participavam da, esse casal alemão, das festas, das reuniões à noite?

W.: Não, não. Os empregados não participavam das festas.

V.: E das reuniões em casa à noite, sem ser festa, o dia a dia? à noite.

W.: Às vezes, sempre a gente reunia em volta da, da dona Laís; às vezes fazia algum trabalho manual. Agora, ela começou, parece que ela começou a bandeira do Brasil em ponto de cruz na Escola Anna Nery. Foi uma bandeira muito grande. Foi feita pelas alunas nesse período, sabe?

V.: Pela alunas da Carlos Chagas?

W.: É, não, pela alunas da Escola Anna Nery. E na Escola Anna Nery também ela tinha por hábito convidar as pessoas, e os rapazes, davam sempre um baile assim, na Escola, como também dava na Escola de Enfermagem Carlos Chagas.

V.: Ainda sobre o internato, lá na Rua do Chumbo, como que era a casa, o bairro?

W.: O bairro era um bairro muito bom, de famílias assim, quase todos eram proprietários das casas. Ali tinha o Estevão Pinto que era proprietário. Logo em seguida tinha a família da dona, do doutor, aliás da dona Zuleica, era o pai dela era o Cícero Ferreira que era médico, que era proprietário daquela, daquele quarteirão todo ali, depois da chácara do Estevão Pinto, era do doutor Cícero Ferreira até a Cláudio Manoel, quase que na divisa da avenida, da avenida...

V.: Do Contorno?

W.: Do Contorno.

V.: Quem mais eram os vizinhos por ali?

W.: Tinha o doutor Otávio Magalhães que era o nosso vizinho defronte, do lado morava o filho do doutor Antônio Aleixo, o proprietário da Escola, e o doutor Antônio Aleixo era um grande cientista, né? Foi o que descobriu alguma coisa a mais da hanseníase, né? Foi o que ele estudou muito nessa parte de pesquisa dele.

V.: Qual que era o meio de transporte?

W.: O meio de transporte, nós tínhamos o bonde. As alunas iam de bonde e tinha um carro do Estado à disposição da Escola, com motorista.

V.: Este carro servia...

W.: É, servia, assim, para as professoras e para diretora, né?

V.: As compras da casa eram feitas?

W.: Eram feitas no mercado pela econômica, sabe? E era transportado pelo armazém, não era...

V.: Nesse carro não?

W.: Não, não era no carro não.

V.: Você quer falar mais um pouco sobre assim, como que eram as normas de funcionamento da Escola, e outras punições além da suspensão para quem infringisse a essas normas do internato?

W.: Não, além da suspensão não tinha outro.

V.: Não teve outro caso assim?...

W.: Não, não...

V.: Mais grave, assim, de punição de aluna?

W.: Não, não. O regime era um regime, a gente levantava antes de seis horas, tinha uma missa, a missa todos os dias, né? As que não estavam de plantão assistiam a missa. Aquelas que não faziam plantão à noite ou tinha que revezar às 6 horas, né? E quem tinha que revezar descia de ônibus, que o ônibus, o bonde, né? Porque o bonde passava na, na porta; então, a gente ia para o serviço e pegava, e a turma que não ia assistia a missa, a missa toda.

V.: Quem dava plantão, quando voltava do plantão tinha um lugar especial para descansar?

W.: Não. A gente tomava um banho, quer dizer, tinha um lanche, né? Você tomava um lanche reforçado, tomava um banho e ia para o seu quarto.

V.: Tinha um quarto coruja, chamado quarto coruja lá?

W.: Tinha. Esse era o quarto do noturno, né?

V.: Do noturno?

W.: Do noturno, é.

V.: Era lá na Estevão Pinto?

W.: É, na, na, Rua do...

V.: Rua do Chumbo?

W.: É, na Rua do Chumbo.

V.: E as férias, onde vocês passavam as férias?

W.: Cada um passava nas suas casas, ne?

V.: Alguém ficava no internato?

W.: Ah, quando não tinha pra onde ir, ficava no internato ou dona Laís arranjava assim uma casa fora de Belo Horizonte (MG), sabe? Para aluna passar as férias para descansar. Nesse ponto quanto a respeito da saúde das alunas era assim com muito carinho que ela cuidava, sabe?

V.: Teve alguma aluna que teve doente nesse período ou doença mais grave?

W.: No período que eu estive, quem esteve assim mais tempo foi eu, né?

V.: Doente?

W.: Doente.

V.: O que você teve?

W.: Eu tive assim, eu tive uma gripe muito forte e, escarrei um escarro hemoptóico, né? Então, aí eu fui examinada pelo médico, tirou radiografia e deu qualquer coisa no pulmão na base esquerda, do pulmão. Aí, eu fiquei seis meses de repouso na Escola.

V.: Você fez tratamento nesse período?

W.: Fiz. Durante o período todo que eu estive na Escola eu fia tratamento.

V.: De como se fosse tuberculose?

W.: É, foi.

V.: Você lembra que medicamento era esse que você tomava?

W.: Era, já era Estreptomicina mais o PAS, [Ácido Paramínico Salicílico} né?

V.: Hidrazida?

W.: É, Hidrazida. Estreptomicina não, Hidrazida.

V.: Bom, de quê que você mais se lembra quando fala do internato. De quem que você mais se lembra?

W.: Eu me lembro mais da dona Laís, né? É. Porque ela era muito carinhosa com as alunas, sabe? Ela esperava o noturno chegar para dá “boa noite”, ela nunca deitou sem verificar se todas estavam no internato. E ela tinha um carinho muito especial com todas as alunas, mesmo que fossem rebeldes, sabe? Às vezes, ela, essas mais rebeldes ela chamava no quarto dela e batia um papo assim, mais assim, mais , mais mãe, sabe? Era muito boa.

V.: Quando você falou sobre aquela carta que você encaminhou pra Waleska, isso, a Waleska era diretora?

W.: Já, já estava como diretora

V.: Vamos falar então, um pouco da saída da Laís...

W.: Na saída da dona Laís, dona Laís designou a dona Clitemnestra para substituir e dona Clitemnestra é, assim, não tinha muito jeito pra cargo de administração, sabe? E era meio, assim, meio descontrolada.

V.: Ela era enfermeira?

W.: Ela era enfermeira diplomada pela Escola Anna Nery. Todas que foram com a dona Laís, todas eram diplomadas menos a Waleska que acompanhou como professora, né? E, as outras todas eram boas professoras, a dona Clitemnestra que era assim, parecia mais fraca na profissão, sabe? Mas, foi ela a escolhida pra dirigir a Escola.

V.: Sim.

W.: Como não deu certo essa direção da Clitemnestra nós, alunas, reconhecemos que não, dava, não era o que nós queríamos. Então, nós fomos na Secretaria da Saúde, era o diretor da secretaria naquela época o doutor Castilho, José Castilho. Então, nós reunimos nossa turma toda, fomos no doutor Castilho e pedimos pra fazer a troca, sabe? Que nós pedimos que ele nomeasse a dona Waleska, aí a dona Waleska ainda era aluna também, que nomeasse a Dona Waleska; que

a dona Waleska tinha capacidade intelectual e de direção.

V.: Aí entrou Waleska?...

W.: Waleska, é, entrou a Waleska; Waleska trocou o uniforme, pôs uniforme branco, né?

V.: Você lembra a época, Walmyra?

W.: Foi em mil novecentos... será que foi trinta e três?...

V.: Não, a Laís saiu em trinta e oito.

W.: Em trinta e oito?

V.: Nesse período, né?

W.: Foi nesse período. Então, então foi em trinta e nove, porque eu sai da Escola em quarenta.

V.: E a Waleska era diretora?

W.: É, era diretora.

V.: Por que que a Laís saiu da Escola?

W.: Ela saiu por causa do decreto do Presidente da República, do Getúlio Vargas, proibindo os estabelecimentos de ensino serem dirigidos por estrangeiros, então houve a troca, aí eles nomearam os brasileiros para assumirem, né? Então, saiu a Mrs. Pullen que era a diretora da Escola Anna Nery, tinha vindo dos Estados Unidos para dirigir a Escola e assumiu a dona Laís, é que foi escolhida pra ser diretora, aí ela assumiu a direção da Escola Anna Nery.

V.: Mas todo mundo ficou sabendo que ela estava saindo?

W.: Ficou. Todos ficaram sabendo. Ela chamou e comunicou às alunas que ela ia pro Rio (RJ), que ela tinha sido convidada para dirigir a Escola Anna Nery e como a Escola Anna Nery era bem maior, ela achou que ela podia fazer... expandir, a intenção dela era de dar a mão às enfermeiras, né?

V.: Então na indicação da Waleska pra diretora, quem entrevistou foram as alunas?...

W.: Foram as alunas.

V.: E não a Laís?

W.: Não, não. Só as alunas.

V.: Tá. Vamos falar um pouco sobre o ensino teórico? Mais alguma coisa que você queria ressaltar, que disciplina que você mais gostava, as pessoas?...

W.: Eu gostava muito de anatomia, sabe? Gostava muito de anatomia, muito de fisiologia, sabe? Doenças transmissíveis também; nós tínhamos um bom professor, no momento eu esqueci o nome dele. E, as técnicas,

[FINAL DA FITA 1 - LADO A]

[FITA 1 LADO B

V.: O ensino prático, como que era dado esse ensino, nos estágios, quem acompanhava vocês?

W.: Sempre tinha uma instrutora. Na primeira turma as professoras é que acompanhava as alunas. Depois saiu a primeira turma, então eram as alunas da primeira turma que nos acompanhava. Nós passávamos o tempo todo sempre com uma professora do nosso lado, sabe?

V.: Uma professora e as alunas também?

W.: Não.

V.: Uma aluna?...

W.: É. Ficavam duas alunas, né? Com uma professora, ela acompanhava na execução das técnicas.

V.: E no período mais, mais adiantado?

W.: Aí, mais adiantado aí, nós fomos assim bem explorada no serviço, sabe? Que aí a gente assumia a direção, tomava conta dos hospitais e assumia tudo, sabe?

V.: Inclusive as alunas que estavam chegando?...

W.: Não... essas não.

V.: Não tinha aluna sênior nesse período?

W.: Não, sempre teve sênior. É, em toda turma, desde o princípio tinha uma aluna senior.

V.: E qual que era a função dessa aluna sênior?

W.: Era ajudar a aluna que estava mais fraca, que tinha dificuldade, então pedia para ela fazer demonstração daquilo que ela não, não aprendeu na sala.

V.: Uma monitora?

W.: Uma monitora.

V.: Fala um pouco dos locais de estágio, você falou que a aluna era muito explorada, fala um pouco sobre isto pra gente.

W.: No Pronto Socorro foi um dos estágios mais pesados que nós tivemos, porque nos pegamos o pronto socorro numa sujeira, numa coisa incrível. Então, nós, naquele tempo a enfermeira fazia limpeza de unidade, né? Não tinha curso auxiliar. Então, as enfermeiras é que, nós que lavamos as camas todas do pronto socorro. O piso, não o piso a gente não lavava...

V.: Cama e parede,

W.: Também, piso a gente não lavava, mas a unidade do paciente era lavada pelas alunas.

V.: também?

W.: Cama, parede, sabe? Tudo lavado pelas alunas.

V.: Alguma coisa interessante neste, nesse período, algum incidente?

W.: Ah, não. Quanto as alunas não. Na sala de operação é .que. socorria, é que a gente às vezes ficava chocada quando determinados casos que chegavam, né? De atropelamento que a gente via pela primeira vez, então emocionalmente a gente sempre estava um pouco tensa porque eram quadros que a gente nunca tinha presenciado. Por mais que eles falassem nas aulas, que dessem orientação de um socorro que podia presta a um ferido, a gente nunca descreve o quadro que chega, né? Então a gente sempre estava assim, numa tensão muito grande. Agora, existia um respeito muito grande entre os médicos, e eles também ajudaram muito as primeiras turmas, sabe? Eles ensinavam, ajudavam quando a aluna não sabia, se ia fazer a primeira vez, atender um paciente, ele chamava a enfermeira e ensinava. Falava para a enfermeira pra ela prestar atenção para ela poder aprender, sabe? No caso que não houvesse médico, pra ela poder ajudar melhor o paciente.

V.: Além das alunas e os médicos, quem mais trabalhava nesse, no Pronto Socorro?

W.: Tinha funcionários do Estado, tinha uma porteira, tinha os serventes.

V.: E na enfermagem em si, no cuidado do paciente?

W.: Ah, não, no cuidado do paciente só havia as enfermeiras, tinha a enfermeira monitora e a professora pra poder acompanhar às vezes uma ou duas horas no pronto socorro e ficava a monitora, né? No Pronto Socorro com a aluna.

V.: Que outros locais de estágio, vocês...

W.: Nós tivemos no hospital São Geraldo, tivemos no Morro das Pedras, né? Que era especializado, né? e na, no hospital São Vicente que nós fazemos pediatria, sala de operação e urologia, o professor de urologia também era muito bom, sabe? Era doutor Assis.

V.: Obstetrícia, Psiquiatria...

W.: É, obstetrícia nós fazíamos no hospital São Francisco de Assis com o doutor... esqueci o nome dele - deixa eu ver se eu lembro. É da família Lima, um que foi ex- prefeito, né? Foi prefeito, sobrinho dele foi prefeito de Belo Horizonte; no momento eu esqueci,... é Francisco mesmo, Francisco Lima. E esse Francisco Lima que a família, as irmãs dele também tinha estudado no, no colégio Santa Maria, pra mim foi muito fácil, porque a gente já conhecia e eles ajudavam muito. Era o doutor Benedito Santos e o doutor Francisco e, e ensinava. Era eles que ensinavam a fazer o parto, sabe?

V.: Não tinha estágio na Santa Casa?

W.: Não, na Santa Casa nós não tínhamos estágio na Santa Casa.

V.: Algum problema que vocês tenham sabido o porquê não?

W.: Não, nunca, acho que nunca houve problemas entre as irmãs e a dona Laís.

V.: No tempo da Laís não?

W.: É. No tempo da Laís não.

V.: Qual estágio que você mais gostou?

W.: Ah, foi de pediatria. Gostei muito de pediatria e muito de ... no primeiro mês eu achei muito pesado obstetrícia, mas depois fiquei gostando de obstetrícia tanto é que eu fui professora da Escola Hermantina Beraldo, em Obstetrícia. Eu fiz um estágio muito bom na Boca do Mato no Rio (RJ) do SESI e, os médicos também me ajudaram muito, sabe? Me ensinaram muita coisa em obstetrícia. Quando eu vim, eu estava assim bem afiadinha em obstetrícia, sabe? E trabalhei depois, trabalhei também mais tempo na Promater que era só maternidade, né? Mas eu sentia uma emoção muito grande todas às vezes que nascia uma criança eu chorava, sabe? De emoção, que eu não sabia o quê que ia ser aquela criança e aquilo me tocava assim muito de perto, sabe? Depois o médico me aconselhou a deixar obstetrícia porque, por causa do meu problema emocional.

V.: Como é que foi o primeiro parto, você se lembra?

W.: Ah, lembro!...

V.: Já que foi uma disciplina tão bonita...

W.: É, foi o primeiro parto. No princípio eu fiquei assim porque nunca podia imaginar como que seria um parto, né? Eu fiquei também, assim, profundamente emocionada, sabe? Mas depois me acostumei, eu fazia coisa até que... era quase só do médico. Cheguei a fazer episiotomia, várias episiotomias, fazia...

V.: Enquanto aluna?

W.: Não, depois de formada.

V.: Depois de formada?

W.: Depois de formada. Como aluna, nunca fiz.

V.: Como é que era o relacionamento das alunas no hospital, com os outros funcionários, com a equipe médica?

W.: Era bom, era muito bom, viu? Muito bom. Pelo menos no meu tempo comigo o relacionamento sempre foi muito bom.

V.: Tinha no hospital outras pessoas que trabalhava na enfermagem, além de vocês alunas nesses lugares que vocês passaram?

W.: Tinha, tinha os funcionários dos próprios hospital, né?

V.: Que eram...

W.: Eram atendentes, né? Os, os serviços, porteiro, telefonistas.

V.: Você fez algum estágio fora de Belo Horizonte, enquanto aluna?

W.: Não.

V.: Enquanto aluna não, né?

W.: Não.

V.: Como que era assim o, relacionamento com as alunas na Escola?

W.: Eu acho que era muito bom, era muito amigável...

V.: Com as professoras também?

W.: Também. Na hora, nos intervalos a gente ia pro jardim – pena que eu não tenho a fotografia pra mostrar pra vocês, umas fotografias tiradas lá no Jardim da Escola.

V.: Você falou da Escola, que um período o, a Escola foi o internato pra Santa Rita Durão?

W.: Foi.

V.: Por quê?

W.: Porque ficou muito caro, eles pediram, o Estado ficou atrasado com o pagamento do aluguel.

V.: E fechou o internato na Rua do Chumbo nesse período?

W.: Fechou, fechou. Nós fomos pra Santa Rita, alugou uma casa na Santa Rita, nós fomos pra Santa Rita.

V.: E depois?

W.: Depois da Santa Rita, aí eu sai da Escola, né? Aí eu não sei informar mais.

V.: Havia algum caso de transferência de aluna? Havia aquelas alunas que não tinham capacidade, que saiam do curso?...

W.: É.

V.: Havia alguma que eram transferidas pra outro curso?

W.: Não. Durante o nosso período nunca houve transferência de aluna para outra Escola.

V.: A Escola prestava algum serviço para a comunidade?

W.: Prestava.

V.: Fala pra gente sobre isso.

W.: Quando havia movimento assim maior de paradas, né? De Sete de Setembro, a gente sempre tinha uma turma que ficava pra ajudar, sabe? Ela designava as alunas que podiam auxiliar, designava. E na Escola também, nesse período que eu estive lá foram convidados quarenta professoras selecionadas pra fazer o curso de emergência, né? Durou alguns, alguns meses, todas...

V.: As alunas contribuíram nessas aulas, também davam aulas?

W.: Não, elas só assistiam, elas tiveram as, as matérias também, eram separadas da nossa, sabe?

Não era em conjunto, eram separados. Mas era uma turma de trinta a quarenta professoras.

V.: Que, que as professoras depois, aplicavam esse conteúdo, qual o objetivo dá esse curso pra elas?

W.: O objetivo foi porque nós estávamos num período, já de emergência, política, né? Então aí foi dado, porque se precisasse de mais, mais enfermeiras pra ajudar tinha, né?

V.: Emergência política?! O quê estava acontecendo?

W.: Foi na, na ocasião de troca de governo de Getúlio Vargas, né? Que foi assim, muito conturbado, né?

V.: E, vocês ficavam sabendo dessa...

W.: Ficava, porque dona Laís sempre teve assim, ela sempre teve assim muito unida aos políticos, sabe?

V.: Ela tinha uma relação boa então com os políticos?

W.: Muito boa com os políticos, com os políticos e com médicos.

V.: Eles iam lá na Escola?

W.: Iam. Jantavam, tinha jantar que oferecia ao secretário, o secretário do ensino que era o doutor Cristiano Machado. E o doutor Castilho. Várias vezes eles jantaram conosco, sabe? E aí a dona Laís fazia um jantar desse tipo assim, tipo não, era um banquete, né? Para as alunas também ter assim mais, mais contato social, né? Que essa parte social ela fazia questão que a aluna tivesse, sabe?

V.: Ernani Agrícola [Diretor da Saúde Pública na época da criação da Escola] participava?

W.: Participava. E era muito amigo da dona Laís.

V.: Ele ajudou a fundar a Escola?

W.: Foi. Ele ajudou a fundar a Escola.

V.: É, tem uma foto que você mostrou pra nós, é...

W.: É, da visita do José Américo, que foi candidato a presidência da República e ele estava fazendo a campanha política, e ele foi convidado pra visitar a Escola. Aquela fotografia foi a, a chegada dele.

V.: No portão que...

W.: No portão.

V.: Que todas as alunas em círculo?

W.: Em círculo. É, ali ela apresentou as alunas, né?

V.: Tem umas alunas de uniforme de ginástica.

W.: Tem. Porque elas acabavam de sair da aula, da, da aula de ginástica.

V.: Então, não foi uma, uma coisa montada tipo que...

W.: Não, não.

V.: As alunas se prepararam?

W.: Não. Ele chegou e nós recebemos, nós fomos avisadas que eles estava chegando porque ela fazia muita questão da postura e da maneira da enfermeira se vestir, sabe? Não só dentro do serviço, como fora do serviço. Fora do serviço quando ela planejava um passeio, uma festa pra aluna ir, se ela não tinha vestido, ela comprava, descia, comprava a fazenda, mandava a costureira dela fazer, pra, pra aluna ir a altura da, da, das outras pessoas na festa, né? Nesse ponto ela foi muito boa pra todas as alunas. Com licença, deixa eu ver...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: É, vamos falar agora, um pouco sobre as solenidades?

W.: Ah, era muito bonita, viu? A solenidade era uma festa assim tocante, sabe? Tinha uma missa, sabe? Celebrava assim uma missa, sabe? Solene, depois tinha a recepção da dama da lâmpada, pegava a dama da lâmpada.

V.: Qual o significado desta dama da lâmpada?

W.: O significado é porque a Florence Nightingale quando no período da guerra à noite não havia luz, então, ela saía com a lâmpada à noite pra verificar os doentes, né? Como estavam passando. Então era em homenagem ainda à Florence.

V.: E quem era a dama da lâmpada?

W.: Era a melhor aluna da turma em comportamento, em disciplina e em tudo, em relacionamento dela com as colegas, sabe? Da primeira turma quem foi dama da lâmpada foi a Adília, Adília Lima.

V.: E das outras turmas, você se lembra?

W.: Ah, não me lembro porque...

V.: E da sua turma, quem foi?

W.: Não sei, porque eu já estava casada.

V.: Quando é que acontecia essa cerimônia da dama da lâmpada?

W.: Era quando terminava o curso.

V.: A sua turma quando se formou, quem foi a dama da lâmpada?

W.: Não sei porque eu não estava mais na Escola.

V.: Você não, não se formou?

W.: Não, eu formei. Como eu tinha entrado antes, seis meses antes, eu tinha um tempo já determinado. Já tinha terminado as matérias, eu me casei e fui, sai de Belo Horizonte e só soube da formatura, não sabiam onde eu estava morando, só soube da formatura pelo Minas, [jornal Minas Gerais], eu não assisti a formatura, quer dizer eu podia...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Além da dama da lâmpada, tinha madrinha da braceira, como que é essa estória da madrinha da braceira?

W.: Ah, não lembro da madrinha da braceira não.

V.: Não, a braceira era passada?

W.: Não. Porque depois que nós tirávamos o uniforme branco que era aquela cerimônia que eu falei nós recebíamos a braceira azul, né? Depois quando era cerimônia da passagem do uniforme azul pro branco eu não participei, porque aí eu já estava casada.

V.: Ah, sim.

W.: Eu não me lembro das outras turmas como é que foi.

V.: A braceira significava...

W.: É, a chefia, né?

V.: É quando vocês passavam a supervisionar como alunas?

W.: É, a supervisionar, as alunas como professora, né?

V.: Alguma “gaffe”, alguma coisa interessante nessas cerimônias de dama da lâmpada?

W.: Ah, não, porque era muito bem ensaiado, sabe? E tocava também o toque do silêncio, né?

V.: E isso acontecia onde, na Escola?

W.: É, acontecia na Escola.

V.: Na Escola mesmo?

W.: Na cerimônia, é.

V.: Na casa...

W.: É.

V.: Do internato mesmo?

W.: Do internato.

V.: E quais eram as outras atividades sociais além das que você já falou que acontecia na Escola,

tipo eventos, além da Semana Santa, da Semana da Pátria, Semana de Enfermagem?...

W.: Tinha.

V.: Festas religiosas?

W.: Tinha, tinha as missas, né? Sempre era, começava pela missa, missa solene com convidados especiais, né?

V.: Quem eram esses convidados?

W.: Ah, era da alta sociedade.

V.: Políticos?

W.: Políticos, é. senhoras, esposas de pessoas conhecidas, amigas de dona Laís, que ela era muito relacionada em Belo Horizonte no meio político.

V.: Nesse período a Escola aparecia muito nos jornais, é, você sabe porquê, como é que se conseguia isto?

W.: Ah, justamente por causa do contato da dona Laís, porque ela fazia uma propaganda muito boa da enfermagem. Então, eu mesma, por diversas vezes ela me convidava pra sair com ela, pra fazer visita aos políticos e sempre ela me apresentou como a ex-aluna do colégio Santa Maria que era um dos bonitos colégios de Belo Horizonte, né? Então, ela fazia questão de mostrar que as alunas da Escola era da sociedade e que eram, não era mais como no tempo, a era negra, né, da enfermagem.

V.: Antiga.

W.: É.

V.: Sobre a organização estudantil, você se lembra se tinha algum diretório acadêmico?

W.: Ah, não.

V.: Não. Você, você se lembra do Grêmio Cinco pra Dez e do Jornal Nove e Cinquenta e Cinco?

W.: Não, esse aí não.

V.: Você nem via, não teve informação sobre ele?

W.: Não, não foi não, no meu tempo não tinha.

V.: Não é. Revistas também não?

W.: Não, tinha uma revista...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Voltando mais um pouco, vamos continuar nossa conversa, né?

W.: Vamos.

V.: Você se lembra da, da estrutura da Escola na época da luta pela equiparação à Escola Anna Nery?

W.: (...) lembrar eu lembro, mas não lembro assim detalhes.

V.: Coisas concretas, né?

W.: Concretas, é. Agora o que nós trabalhamos muito foi pra passar pro nível superior também.

V.: Antes de formada ou depois de formada?

W.: Depois de formada, né?

V.: Daqui um pouquinho a gente chega lá então. Da formatura você não participou, né?

W.: É.

V.: Então, vamos começar a falar agora do que você fez depois que terminou o curso, se casou e começou a trabalhar?

W.: Não. Eu fiquei uns três anos sem trabalhar, depois é que eu fui nomeada, sabe? Eu fui nomeada no governo do Milton Campos.

V.: Nomeada pra onde?

W.: Pro Centro de Saúde Modelo de Belo Horizonte, como enfermeira visitadora...

V.: Só um pouquinho...

W.: Foi no período da guerra.

V.: Você se casou e continuou em Belo Horizonte?

W.: Não, eu me mudei pro sul de Minas (de Minas Gerais), depois é que eu voltei para Belo Horizonte, na ocasião que eu pedi minha nomeação, aí nós voltamos pra Belo Horizonte, porque ele (o marido) era advogado, sabe?

V.: Então, fala pra gente desse período pré guerra.

W.: É. Então a gente fazia as visitas domiciliares das pessoas que tinham filhos, que já tinham partido, né? Já...

V.: Qual o objetivo dessa visita a essas mães?

W.: Era pra verificar a situação financeira, ajuda que ela precisava e dá um apoio a elas, apoio moral.

V.: Apoio moral?

W.: É. E era assim, um trabalho muito bom, sabe? A gente saia assim, muito feliz do trabalho, porque sabia que tinha sido uma semente bem plantada, sabe? Então era muito bom, sabe?

V.: É nesse período, você voltou à Escola, freqüentava a escola?

W.: Não, freqüentava de vez em quando, sabe? Encontrava com as alunas que a gente ia, lá na

escola. Porque nesse período que saiu, a escola também passou a funcionar na própria secretária, na Rua da Bahia, sabe?

V.: A parte administrativa ...

W.: A parte administrativa, é. Que era a Primavera a secretária, como toda a vida eu fui muito amiga da Primavera. Já não era mais a dona Waleska a diretora, mas eu continuei a freqüentar a escola.

V.: Você sabe da saída da Waleska, em quarenta e oito ela voltou pra...

W.: Aí eu não sei.

V.: Você não sabe o quê aconteceu?

W.: Não, não.

V.: E quando que a Primavera saiu de Belo Horizonte?

W.: Acho que foi um pouco antes da dona Waleska, também não sei.

V.: Você não sabe, porque ela deixou a escola também?

W.: Não, porque quando eu me casei ela estava e depois de casada ela ainda estava.

V.: Então vamos voltar às suas atividades profissionais, depois que você trabalhou nesse serviço...

W.: Nesse serviço como enfermeira visitadora, aí eu pedi minha transferência para Guanhães (MG).

V.: Quando que foi isso, se lembra? Antes ou depois da guerra?

W.: Foi depois, é.

V.: A guerra interferiu em alguma atividade além dessa de assistência à família, alguma coisa na sociedade, no meio político?

W.: Ah, isso! No meio político houve, né? Houve assim um problema, todo mundo ficou assim profundamente preocupado, né? A tensão.

G.: Porque que você pediu transferência pra Guanhães?

W.: Pedi transferência pra Guanhães porque meu marido sendo advogado e era uma Comarca que tinha muito trabalho e não tinha advogado na Comarca, então eu fui acompanhando, aí é que eu pedi a minha transferência pra Guanhães ; quando ele foi prá lá.

V.: Que atividade você exercia lá?

W.: É, eu como enfermeira visitadora no posto de saúde.

V.: Quê que se fazia nesse período?

W.: Fazia visitas, fiz visitas, fiz levantamento de mortalidade infantil e fiz a vacinação na população toda. Todas as casas.

V.: Vacinação contra...

W.: Contra o tétano, e difteria, coqueluche.

V.: Variola?

W.: Variola também. Variola até eu tinha feito uns cartazes que foi passado no mimeógrafo da secretaria, um indivíduo fazendo a vacina e um tipo assim monstro correndo, sabe? Então aí eu fazia aquela propaganda. Toda vida eu gostei muito de serviço de saúde pública, sabe? Dona... é, Isaura Barbosa Lima quando viu falou assim: “Quem foi? Que idéia boa, quem foi a idéia?” Falei assim: Foi minha. Ela falou assim: “Coisa boa.” Então eu trabalhava assim, de um trabalho assim junto da comunidade. Os meninos me ajudavam, o açougueiro me ajudava, assim: “a enfermeira tá, tá em tal lugar assim, assim, tal. Você já vacinou? Não vacinou? Vai lá que a enfermeira tá aí.” Então era muito bom, sabe? Todo mundo participava. Eu trabalhava muito e ao mesmo tempo um trabalho assim suave, porque todos me ajudavam, né? Eu ficava só era mesmo na parte de vacinação.

V.: Nesse período como que era a imagem da enfermeira na sociedade?

W.: Ah, aí era bem aceita, viu? Eles todos tinham muito respeito da enfermeira, sabe? E gostavam, a gente... eu tenho assim, tem pessoas que são minhas amigas até hoje, do tempo de, de aluna, sabe? E de enfermeira mesmo que me ajudava na região, sabe? Assim: “Como vai a senhora, e tal.” E a gente fica assim muito feliz de ser lembrado do tempo que a gente foi aluna: “senhora não mudou nada, senhora não fica velha.” Você sabe, então umas coisas assim que a gente fica muito feliz.

V.: De Guanhães você foi para?

W.: De Guanhães eu fui para o SESP, eu entrei em contato com a direção do SESP no Rio (RJ) e fui para o SESP. Quando chegou no SESP faltava uma enfermeira em Itabuna, sul da Bahia. Depois na última hora eles me mandaram para Palmares para ajudar no treinamento de visitadoras. Então era também um trabalho muito bom, sabe? Tinha três enfermeiras, eu era a quarta, tinha quatro enfermeiras. Então tinha uma que era diretora da escola de enfermeiras visitadoras, sabe?

V.: Tinha uma escola de enfermeiras visitadoras?

W.: É, então o SESP alugava...

V.: SESP?...

W.: É, alugava uma casa, fazia levantamento na comunidade, escolhia as moças da sociedade para ser enfermeira visitadora. Então, o curso era de um ano. Então ensinava tudo: administração hospitalar, administração doméstica. Tinha escala daquela que acompanhava a empregada para

fazer a feira. Tinha outro que acompanhava, fazia o rol da roupa pra poder mandar pra lavar, sabe? Então ensinava a fazer de tudo. Limpeza de casa, escala era feita, só tinha, só tinha uma cozinheira. Os serviços todos eram feitos pelas visitadoras, pelas alunas; aprendiam, executava e exigiam mesmo. A casa era muito limpa, muita disciplina, era um curso muito bom, sabe? Muito bom mesmo, era o curso. Depois a gente acompanhava as visitas. Elas não faziam visitas sozinhas, então assim, iam duas, três com a enfermeira porque nós visitávamos, né? O SESP exigia que a gente fizesse o levantamento, trabalhava de manhã, fazia as visitas de manhã e de tarde a gente ficava no posto.

V.: Isso foi em Belo Horizonte?

W.: Não, isso foi no, no SESP.

V.: Em Palmares?

G.: Em Palmares, no Rio de Janeiro?

W.: Não, em Pernambuco, em Pernambuco, eu fui pra Pernambuco. Foi em Pernambuco; quer dizer, o SESP trabalhou mais nos hospitais do Norte, ele teve influência mais nos Estados do Norte. Tanto é que você vê aí uma notícia de um dos Estados, que no momento eu me esqueço qual foi, que tem visitadora, que elas estão sendo muito divulgado pelos jornais, ainda é fruto do SESP porque o SESP entrava, fazia o saneamento básico, tratamento de água, que não tinha água, a gente, as muitas vezes fomos em Bom Jesus da Lapa (PE) a gente pegava água no vale do São Francisco, né? Aqueles hospitais todos do Vale do São Francisco eu que montei, saia de um hospital. Passava quatro, cinco meses, montava o hospital, organizava, passava pra enfermeira e ia montar o outro porque eu tinha muita facilidade pra coordenar essa parte de organização.

V.: Você já era desquitada nesse período?

W.: Não, ainda estava casada.

V.: E o marido acompanhava, como que era isso, ficar fora de casa?

W.: Não, ele ficava. Ele às vezes ficava e eu ia com os dois meninos, né?

V.: Ficava tempo fora?

W.: Ficava tempo fora. Eu ia com os dois meninos, os dois mais velhos que me acompanhava e os dois ficavam com mamãe.

V.: O salário compensava?

W.: Ah, compensava. Nosso salário no SESP correspondia o salário do Governador do Estado, era quatro mil e quinhentos. Quer dizer o salário do Governador era isso, quatro mil e quinhentos.

V.: Comparado ao da enfermeira?

W.: É, ao da enfermeira do SESP. Era, esse o nosso conhecimento. E o SESP também dava todo o conforto e muito respeito para com a enfermeira, sabe? A enfermeira só andava de avião, a enfermeira ficava em hotéis, em suíte já reservada pelo serviço as diárias eles, eles não, não dava diária. Então a gente levava os comprovantes das despesas feitas e eles cobriam todos as despesas. Eles tinham muito respeito pelas enfermeiras, sabe?

G.: Então era um trabalho que valia a pena, tanto financeiramente...

W.: Valia, financeiramente...

W.: A valorização da enfermeira no campo.

V.: Você ficou no SESP até quando?

W.: Quatro anos, eu fiquei no SESP.

V.: Saiu por quê, então?

W.: Sai porque terminou, porque eu fui requisitada pelo Estado, porque eu era funcionária do Estado, né? Eu fui requisitada pelo ser, Serviço Especial de Saúde Pública pra prestar serviço durante quatro anos.

V.: Acabou esse período, você retornou?

W.: É, retornei.

V.: É, esse serviço de saúde pública, pelo que você coloca, foi era muito bem organizado.

W.: Muito bem organizado. O serviço de saúde pública, o último serviço que eu trabalhei foi como supervisora dos centros regionais que o doutor Dario estava montando. Eu já estava...

V.: Dario?...

W.: Dario Tavares.

V.: Tavares.

W.: Eu já estava aposentada, então o doutor Dario tinha várias, várias propostas em cima da mesa dele de recém formada. Ele foi, falou com a secretária dele: "Eu não quero nada dessas, localiza a dona Walmyra, onde ela está, porque eu quero a dona Walmyra." Porque ele já conhecia e já conhecia o meu trabalho, sabe? Então eu fui convidada por ele pra poder montar as unidades da região. Eu fui primeiro pra Varginha (MG), e depois pra ficar mais perto lá de casa, porque eu tenho uma fazenda, então para ficar, eu estava montando a fazenda, estava começando a montar a fazenda, então eu ia todo o fim de semana pra fazenda.

V.: Onde que é a fazenda?

W.: Em Bom Sucesso, no município de Bom Sucesso.

G.: Onde que a senhora nasceu é, senhora retornou, é?

W.: É, município de Bom Sucesso, fazenda Santa Matilde.

V.: Esse serviço de saúde pública como é que ele era organizado, como é que você vê hoje, o que aconteceu?

W.: Não, houve uma diferença muito grande, tanto é que no centro regional de Divinópolis houve um, uma equipe do Ministério da Saúde, foi visitar o nosso serviço. Então, como que eu já estava lá a mais tempo, eu chegava e montava a unidade para o trabalho, né? E, as enfermeiras não tinha assim muita noção ainda, mesmo diplomada de montar uns postos, porque eu já tinha trabalhado no SESP, eu já tinha experiência, né? De como nós montávamos os postos. Então, aí, montava e punha em condição de trabalho pra a auxiliar. E o doutor, doutor Cícero sempre me apresentava...

V.: Cícero Ferreira?

W.: Cícero Ferreira, sempre me apresentava como a enfermeira que tinha assim, mais “tarimba” em saúde pública. Isso pra mim era muito desagradável porque os colegas não gostavam, então me punham em sabatinas...

[FINAL DA FITA 1 - LADO B]

FITA 2 - LADO A

V.: Continuando...

W.: Então, nessa reunião como ele apontava como eu tinha mais tarimba, causava-se ciúme na turma. E, na ocasião, o Gilson que era também supervisor e me perguntando, fazendo perguntas. Eu fui, falei com ele: Ah, o senhor me desculpe, deu falar mas... Ele falou assim: “Quando é que você trabalhou na, no SESP?” Eu falei assim: Foi em cinqüenta, foi cinqüenta, cinqüenta e quatro. Então ele disse assim: “Então, é coisa arcaica.” Eu disse assim: Você é que pensa porque a saúde pública no SESP naquele tempo que você acha que é arcaica, o daqui não chega nem na sombra do que era o nosso serviço, porque era muito bem organizado o serviço do SESP.

V.: O que aconteceu, quê que desorganizou?

W.: Desorganizou porque o governo não quis reafirmar o contrato com, com os americanos, né?

V.: Qual o Governo, você se lembra?

W.: Ah, não sei, qual que estava na direção dos Estados Unidos. Mas era o Governo Americano.

V.: E aqui no Brasil. Ah, o governo americano é que não quis continuar o financiamento?

W.: Não, o Brasil, o Brasil, é. E o Brasil não entrou em acordo com os americanos, porque o Brasil entrava com 30% e o americano com 70%.

V.: Você se lembra de no ano que foi isso, que período?

W.: Foi em cinquenta já estava, quando o serviço começou eu...

V.: Quando terminou?

W.: Ah, terminou acho que em cinquenta e oito por aí.

V.: J.K (Juscelino Kubitschek) era o presidente.

W.: Não, não era presidente ainda não.

G.: Você se aposentou no SESP?

W.: Não eu aposentei como, no Estado, como enfermeira do estado.

V.: Então tá, aí você voltou do, terminou o SESP, você voltou pra secretaria, conta o que você fez nesse período e onde

W.: Andei por tanto lugar, deixa eu ver...

V.: Fala os mais importantes então, o que marcaram mais.

G.: No seu retorno para a secretaria depois do trabalho do SESP.

W.: Eu fiquei na secretaria algum tempo, depois eu pedi a minha demissão pra onde, pra onde que eu fui...

V.: Quando você veio pra Juiz de Fora (MG)?

W.: Pra, foi justamente aí... vai me ajudando.

V.: Está buscando...

W.: Buscando. Eu sai do SESP e escolhi Juiz de Fora para morar. Então, eu fiquei em Juiz de Fora. Quando eu vim do Norte, do Amazonas, eu fui professora de técnica lá na escola de Manaus. Eu recebi uma bolsa de estudo para fazer a pós-graduação, lá na escola de São Paulo, que era a irmã Raimunda, era, que eu fiquei conhecendo lá em Manaus era da mesma congregação das irmãs que dirigia o hospital São Paulo. Então passando aqui eu fui visitar a Celina Viegas. A Celina Viegas foi, não me deixou ir pra São Paulo, que ela precisava de uma enfermeira pra obstetrícia e que eu ficasse.

V.: Celena Viegas era, na época...

W.: Era diretora da Escola Hermandina Beraldo; e ela precisava dessa enfermeira. Então ela me propôs trocar a bolsa que eu ia fazer em São Paulo pelos Estados Unidos. E eu cai como uma pata, sabe? Achei a proposta excelente, fiquei e fiquei sem as duas, porque depois ela não me deu a bolsa para os Estados Unidos. Aí eu acabei saindo da Escola e o doutor Mário Ladeira veio aqui numa festa, e eu fui e falei com ele: Saúde pública a gente tinha que lutar a vida inteira e, o povo não aprendia. Começando da escola, doutor Mário. Ele disse assim: "Porque dona Walmyra?" Aí eu disse assim: "Desde quando eu cheguei aqui na escola, eu estou lutando por

uma lata de lixo e não consigo, o senhor acredita que o lixo aqui é depositado na porta da escola num caixote?” Ele disse assim: “Não diga, dona Walmyra” – na frente da Celina Viegas. Eu disse assim: É, e por mais que a gente fala e tenta acertar, aqui não entra. Ele queria me levar pra escola, sabe?... Com licença.

V.: Então, voltando à história da, da Saúde Pública e da relação com a Viegas...

W.: Então, doutor, doutor Mário Ladeira falou: “Dona Walmyra, vai arrumar suas malas que a senhora vai comigo, que a senhora vai trabalhar comigo na Escola de Saúde Pública.” A Celina Viegas foi e não quis deixar. Disse que eu ia fazer falta na escola, que ela ia ficar sem professora e que não podia. Depois eu fiquei uma temporada grande na Escola, não lembro mais se foi, mais dois anos ou três anos que eu fiquei na Escola.

V.: Dando qual disciplina?

W.: Obstetrícia.

V.: Obstetrícia mesmo?

W.: É.

V.: Alguma coisa interessante nesse período, as lutas pelo ensino, as relações na escola?

W.: As relações eram boa, sabe? E, era, professora da Escola Hermantina Beraldo, [Humbelina, Humbelina Goulart] que já faleceu, né? Era uma criatura boníssima. Tinha a Calina, que fez o curso de medicina, né? Calina Guimarães, a Celina, a Cecília Calazans, qual é a outra... eu, a Cacilda Beltones, né? – um nome assim... Que ela também tinha sido foi ex-aluna da Escola Anna Nery. Eram essas as professora da Escola.

V.: O ensino nessa época era semelhante aquele que você recebeu na Carlos Chagas?

W.: Ah, era. Era semelhante. E os professores, eram todas as matérias dadas pelos médicos, né? E a técnica era dada por uma das professoras, era dada pela Humbelina Goulart, que era professora de técnica. Tinha o boneco, a mesma coisa, a mesma técnica.

V.: Tinha internato?

W.: Tinha. Tinha um internato.

V.: Como que era o internato?

W.: Ah, o internato, não estava no princípio da fundação, eu peguei já no meio, né? Mas, pelo discurso da (inaudível), o Secretário da Saúde que tinha, a Escola lutava assim com dificuldades como panelas. A panela da Escola eram pequenininhas, pra cozinhar pra muitas pessoas. Doutor Mário Ladeira mandou que eu fizesse uma relação de todo o material que a Escola estava precisando, eu que fiz isso pra Celina, sabe? E a roupa de cama também era muito modesta. Cobertores com o frio que nós temos aqui em Juiz de Fora eram cobertozinhos aquele peleja,

né?. E a Gracinha ainda foi e falou com ele que pelevava a noite inteira, sabe? [riso] e o pé estava sempre frio, sabe? Ela era muito engraçada, fez um discurso muito interessante. E depois, eles mandavam, começaram a melhorar a situação financeira da Escola, sabe?

V.: E as alunas do internato, a vida dentro do internato, era parecida com a que vocês levaram?

W.: Ah, era. Era mais ou menos parecida.

V.: Você não tinha muita relação com as alunas, nesse período do internato?

W.: Não, tinha. A gente tinha muita relação com as alunas. A Escola era pequena, a gente tinha muita relação com elas.

V.: Sim, e aí? E com a Celina também era tranquilo?

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Voltando, você ficou trabalhando na Escola até quando?

W.: Ah, eu fiquei até acho que sessenta e... sessenta e oito.

V.: E aí, você foi, aposentou?

W.: Não. Eu fui pro sanatório. Pedi minha transferência pro sanatório [João Penido]. E o sanatório [João Penido] era um hospital muito bom, muito bem montado, montado pela, pela campanha de tuberculose, né? e a enfermeira também na parte monetária ela recebia uma gratificação da campanha.

V.: Por que era doenças transmissíveis?

W.: É, doenças transmissíveis.

V.: [tosse] É, desculpe. Você não teve nenhum problema em trabalhar no hospital de tuberculose, já não tinha esse estigma?

W.: Não, no princípio, no princípio eu tive muito medo, mas toda a vida tive muito cuidado. Como nós chegávamos e trocávamos a roupa para poder ir trabalhar, pra ir para a ala, eu vestia, trocava até a combinação e punha...

V.: Enquanto aluna, enquanto professora, enquanto uma enfermeira?

W.: Não, como, como enfermeira. Até minha anágua era engomada. Fazia questão que engomasse minha anágua. Então eu ia na ala e tinha bastante cuidado, trocava a minha máscara de hora em hora. Mas, eu prestei um serviço assim que eu também, depois aprendi a gostar do sanatório. Eu continuei fazendo Saúde Pública dentro do sanatório porque eu dava aula de educação sanitária para os doentes e tomava conta do refeitório. No refeitório eu ensinava os doentes como proceder numa mesa, como partir uma carne, de forma que, que eu fiquei

gostando do serviço. Então a gente tinha, semana assim, de palestra, de pessoas que eu convidava pra ir fazer palestra para os doentes. Nós tínhamos um corinho também, de sanfona que a gente, sanfona, bandolim, sabe? Que a gente cantava com os doentes. Um grupo bom; que eu tomava conta da ala ímpar e a minha ala quando eu entrei era uma ala muito suja, mas eu mandei fazer uma faxina geral na, no hospital e os auxiliares que trabalham comigo foram assim pessoas maravilhosas, tanto os auxiliares homens como, das auxiliares, das femininas. Todos colaboraram e todos entenderam que também tinha que exigir do paciente mesa muito limpa, não pôr pratinho em cima da mesa, sabe? E chegava na hora da visita. Todos estavam deitados no seu leito. Os médicos iam nas camas pra poder fazer as prescrições.

V.: A visita era feita dentro do hospital, não tinha uma área externa para os...

W.: Não, as visitas eram feitas na enfermeira...

V.: Na enfermaria?

W.: Pelo menos minha área era feita com os doentes todos sentados nas suas camas, que já tinha levantado, né? O médico chegava às nove horas, as enfermarias já estavam arrumadas e eles todos assentados na sua cama que ele, ele fazia as consultas.

V.: Ah, visita médica?...

W.: Visita médica.

V.: Pensei que fosse visita de família.

W.: Não, visita de família era fora do hospital. Lá tinha uma parte de, de eucalipto muito grande, que tinha banquinho. Então, cada um procurava ficar, a não ser aqueles que estavam acamados, que ficava com os seus doentes.

V.: Walmyra, você falou em ala ímpar?

W.: Era dividido em, em seis alas o hospital, porque eram trezentos e oitenta...

V.: Leitos?

W.: Leitos. Então, ficava cento e poucos numa ala, tinha uma ala ímpar, tinha ala par. Cada ala era uma enfermeira responsável.

V.: Era homens ou de mulheres?

W.: De homens, separado. Tinha o pavilhão dos homens, depois tinha o pavilhão das mulheres. A ímpar e par também. E tinha o bloco cirúrgico e depois tinha as enfermeiras que era pros operados e pra os que já tinham, pós-operatório.

V.: Nesse período, no centro cirúrgico quando o paciente era operado ele ficava o tempo, operava e ficava no centro cirúrgico até, a recuperação ou voltava pra unidade logo após a cirurgia.

- W.: Voltava da cirurgia, mas em leito especial. O serviço era muito bem organizado sabe? Muito bom o serviço. Foi uma pena que desapareceu o João Penido, sabe?
- V.: E o controle do paciente tuberculoso, como é que foi depois que recebia a alta?
- W.: É, depois de três exames negativos, então ele tinha alta e passava a fazer o tratamento no ambulatório, ainda ficava algum tempo, né? Com a medicação. Ele apanhava a medicação e era submetido a exame de laboratório e Raio-X no laboratório.
- V.: Vocês que eram funcionários do João Penido, tinha alguma referência a, por exemplo, ao Hospital Júlia Kubitschek em Belo Horizonte que também era de tuberculose.
- W.: Não, não.
- V.: Não tinha relação?
- W.: Não, não tinha relação. Nós tínhamos mais relação com as enfermeiras do Rio (RJ), as, das campanhas, né? Porque as campanhas...
- V.: A campanha nacional de tuberculose?
- W.: É, a campanha nacional de tuberculose.
- V.: E aí, conta mais pra gente depois de, sua experiência em hospital de tuberculose. você se lembrou, que você falou que no início do seu do curso você fez tratamento de tuberculose...
- W.: Foi.
- V.: É, alguma relação, alguma interferência?
- W.: Não.
- V.: Nenhum problema.
- W.: Não, nenhum problema. Nunca tive mais problema nenhum e sempre faço controle, até hoje faço controle de seis em seis meses eu faço uma chapa, né?
- V.: Com um certo receio?
- W.: Um certo receio.
- G.: Depois do João Penido, senhora continuou trabalhando?...
- W.: Continuei trabalhando, até aposentar. Quando eu aposentei do João Penido eu passei, pedi minha transparência pro ambulatório.
- V.: Qual ambulatório?
- W.: O ambulatório de tuberculose.
- V.: Que era desligado do hospital?
- W.: Não. Era mais ou menos ligado porque era continuação do hospital João Penido, né?
- V.: João Penido era Estadual ou Federal?
- W.: Estadual, com a ajuda da campanha nacional de tuberculose.

V.: Senhora aposentou trabalhando no ambulatório?

W.: Foi no dispensário de tuberculose, né? Aí eu pedi minha aposentadoria, deu tempo, foi no tempo que era 25 anos eu tinha os 4 anos no SESP, mais o tempo de escola que era contado, então deu. Pela lei do Magalhães Pinto que aposentava a enfermeira com 25 anos no, em trabalho de enfermeira, né? Que tem uma lei do Magalhães nesse sentido, né? Então eu aproveitei e aposentei. Aí, comecei a fazer serviço em hospital particular, sabe?

V.: Você continuou trabalhando?

W.: Continuei trabalhando. Trabalhei no Rio (RJ), trabalhei na Promater, montei assim, fiz uma modificação no hospital da Promater, eu fiquei como enfermeira chefe da Promater.

V.: De obstetrícia?

W.: De obstetrícia. Aí eu fiquei em obstetrícia, depois é que eu deixei, depois que eu deixei, é que eu já estava lá na fazenda é que o doutor Dario me mandou me localizar, aí eu voltei pra secretaria, fiz o contrato fiquei pelas leis trabalhistas que não foi computado o meu tempo, trabalhei, foi o tempo que eu mais trabalhei foi no, nesse período de supervisão dos, dos postos de saúde que eu montava quase todas as unidades difícil de, de relação de médico com a enfermeira, sabe? Eu que pegava, pegava o refulgo, sabe? E felizmente dava conta do recado. Então, nesse me, tempo é que eles não contaram pra minha aposentadoria pra minha classificação. Quer dizer eu estou muito mal classificada no Estado.

V.: Por que não teve esse reconhecimento?

W.: É esse reconhecimento. Eu ainda trabalhei quinze anos, né? Depois de aposentada.

V.: Quinze anos?

W.: Quinze anos.

V.: Walmyra, nesse período que você trabalhou você participava de alguma coisa fora, assim por exemplo, congressos?...

W.: Ah, congresso, eu fui só no congresso em Belo Horizonte e o congresso de, de Curitiba.

V.: Qual congresso em Belo Horizonte?

W.: Em Belo Horizonte foi... deixa eu olhar.

V.: Qual o período?

W.: Deixa eu olhar, deixa eu ver... [interrupção da fita, a entrevistada conferiu a data do congresso].

V.: O congresso então, é o congresso de oitenta e quatro. Aqui é a toalhinha da Cremer.

W.: É da Cremer.

G.: Semana da Enfermagem, doze a vinte do cinco de maio de oitenta e quatro (1984). A toalha

que deram de brinde no congresso brasileiro de enfermagem em Belo Horizonte em oitenta e quatro?

W.: É.

V.: Walmyra, deste congresso de oitenta e quatro, você tem alguma lembrança de alguma coisa especial?

W.: Ah, a lembrança que eu tenho é que eu reencontrei as minhas ex-alunas de Manaus no congresso, né? Então, foi muito bom, sabe? Foi um encontro muito bom, sabe?

V.: Você participou de, da Associação Brasileira de Enfermagem em algum momento?

W.: Ah, participei. Eu fui presidente da ABEn (Associação Brasileira de Enfermagem) aqui, em Juiz de Fora, né?

V.: Quando?

W.: Esqueci o período, esqueci o período, que eu fui presidente.

V.: Como que era a organização da ABEn aqui em Juiz de Fora? Você tem alguma notícia, ... quando que foi criada a ABEn aqui?

W.: Não, quando eu cheguei já tinha sido criado, né? Já tinha passado, acho que a Celina, a Cecília Calazans e não sei a outra que foi presidente da ABEn. Depois então, é, eu peguei a, a presidência. Neste período, nós conseguimos um lote, consegui um lote com o prefeito Olavo Costa pra construir uma casa que tivesse uma parte de lactário de leite em pó e uma sala pra gestante, pra fazer palestra, era meu sonho, né? E uma, a outra parte uma suíte para que as enfermeiras que viesse em Juiz de Fora tivesse assim, uma estadia boa, sabe?...

V.: Você conseguiu construir?

W.: Não, não conseguimos porque depois eu pedi demissão e quem ficou não conseguiu realizar.

V.: Porque você pediu demissão antes de terminar o mandato?

W.: Porque eu achei que ficou assim, uma pressão muito forte, sabe? Sobre a presidente, sabe? Então, eu pensei, falei assim: bom agora eu deixo, já estava o lote, o lote foi doado, com acho que com dez, com dez anos pra, pra construir, né? Era só passar uma cerca de arame, né? E, aí, não conseguiu arranjar o dinheiro, a colaboração, você sabe que nessa hora, torna-se tudo muito difícil, né? Então, como eu não consegui, eu falei assim – bom, eu vou pedir demissão pra ver se a outra consegue, se a vice consegue. A vice também não conseguiu, de forma que perderam o lote. Mas nesse meio tempo doutor Dirceu de Andrade tinha mandado propor a troca: trocava a troca de uma casa já construída pelo nosso terreno e elas foram lá em casa pra pedir minha opinião. Eu disse assim: “Não, vou omitir a opinião, porque, se eu afastei, eu acho que vocês é que devem decidir, não eu.” Então elas não quiseram trocar e acabou perdendo o lote.

V.: Perderam tudo?

W.: Perderam tudo.

V.: A pressão que você recebia, é sobre...

W.: É porque acha, toda vida eu fui assim mesmo um pouco autoritária. Nessa hora [riso].

Então, eu achei que devia sair, sabe?

V.: Aí você não se envolveu mais com Associação?

W.: Não, aí não envolvi não.

V.: Nem com os congressos?

W.: Não.

V.: E o Conselho Regional de Enfermagem, você chegou a participar de alguma atividade?

W.: Não, atividade não, mas eu fui contribuinte durante o tempo que eu exerci a profissão, né?

Agora, a hora que eu aposentei, pedi baixa, sabe?

G.: Quando que realmente você deixou a enfermagem, de trabalhar na enfermagem?

W.: Foi em setenta... não setenta e cinco não, foi em oitenta, foi oitenta, acho que oitenta e dois.

V.: Walmyra, voltando o tempo que você ainda trabalhava...

W.: oitenta e dois não,. Foi noventa.

V.: Noventa?! Tem pouco tempo então.

W.: Agora, depois é, depois da enfermagem...

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

W.:Eu pedi o meu afastamento do Centro Regional, que foi o último lugar que eu trabalhei, né?

Então eu fui pra fazenda. Quando eu cheguei lá

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Depois desses trabalhos que você fez na fazenda, e agora o que você anda aprontando?

W.: Mexo nesse apartamento, arrumo gaveta, arrumo armário, saio, faço caminhada, sabe? Vejo uma novela à noite, que eu não vejo televisão todos os dias; leio jornal, leio revista...

V.: Lê jornal sem óculos, pelo que eu estou vendo...

W.: É, sem óculos.

V.: Que chique hein?

W.: É, sem óculos.

V.: Ô Walmyra, você teve uma vida muito dinâmica, muito rica, né?

W.: Tive...

V.: Em algum momento você pensou em fazer diferente a sua vida, seguir outra profissão?

W.: Ah, eu tenho muito arrependimento de não ter feito medicina.

V.: É, naquela época você já queria fazer medicina? Quando surgiu vontade de fazer Medicina?

W.: A Medicina eu tive medo de fazer porque não fazia vestibular, mas tinha uma provazinha, né? E tinha a Química. Eu tinha medo de perder em Química, que eu não gostava de Química. Agora, se eu soubesse que ia ser, hoje era só prescrever que não tinha que fazer mais fórmulas, então, eu tinha feito. Que eu tinha medo de errar, me enganar em fórmulas.

V.: Ah, sei. Isso, quando que surgiu essa vontade, você já tinha terminado o curso?

W.: Não, foi durante o curso.

V.: Durante o curso de Enfermagem?

W.: Durante o curso de enfermagem. Quando eu entrei na escola de medicina que nossas aulas eram toda lá, de Microbiologia e de, de Anatomia, né? As aulas todas dadas, aquele contato da escola, eu tive vontade de fazer, muita mesmo.

V.: E essa vontade percorreu o tempo todo na sua vida?

W.: Ah, percorreu. Mas depois eu gostava muito da enfermagem, sabe? Eu acho que eu me realizei muito bem na profissão que eu escolhi, apesar de ter tido vontade de fazer medicina, eu me realizei dentro do... eu gostei da profissão, sabe? E gosto até hoje.

V.: Você tem ainda alguma relação com a Escola, aqui em Juiz de Fora?

W.: Não.

V.: Você isolou, depois que você saiu nunca mais...

W.: Não, não, é. Agora não tenho; tenho contato com as amigas, que foram alunas aqui, que são muitas amigas; tenho contato com as enfermeiras, mas com a Escola não. Tenho contato com uma professora que foi diretora aí, da universidade, Aparecida Araújo que é muito minha amiga, mas na Escola mesmo, eu não tenho não.

V.: Mais alguma coisa do tempo da Escola de Enfermagem Carlos Chagas que você tenha se lembrado que queria retomar?

W.: Acho que não, acho que eu falei tudo que eu lembrava.

V.: Da, da, a Laís depois que ela voltou pro Rio, você teve alguma informação no período que ela ficou doente?

W.: Ah, tive, tive. No último mês que ela teve doente, eu que tomei conta dela, que quando ela, ela ficou muito doente muito tempo, né? Mês de julho antes de eu ir pro SESP, eu fui pro SESP

no fim de julho, não, fim de junho, fim de junho. Mês de junho todinho eu fui pro Rio (RJ) e fiquei tomando conta dela durante o dia, tomava durante o dia e [Maria Inácia] também foi ex-aluna dela no último mês as, as alunas dela de Carlos Chagas (EECC), Maria Georgina Barbosa, a Maria Inácia eu, nós é tomamos conta dela.

V.: Da Laís.

W.: Da Laís.

V.: No Rio de Janeiro?

W.: No Rio de Janeiro, [nós fomos para o hospital].

V.: Você lembra quando que ela morreu?

W.: Parece que foi em quatro de julho, né?

V.: De que ano?

W.: De cinqüenta.

V.: Cinqüenta? Foi logo depois que a Waleska veio pro Rio?

W.: Foi.

V.: Ela já estava doente nesse período?

W.: É, ela já estava doente. Agora, por isso que ela pediu a nomeação da Waleska, porque não teve indicação da Waleska.

V.: Como assim?

W.: Porque ela estava doente, o, o reitor da universidade que era o doutor (inaudível) que era muito amigo da dona Laís, dona Laís foi e falou com ele que ela sabia que ia morrer e que ela sabia que na Escola havia várias comunistas e que ela não queria que a Escola caísse na mão das comunistas. E que então ela queria que ele nomeasse a Waleska Paixão pra diretoria da Escola Anna Nery. Então, ela nomeou, assinou a nomeação, deixou com a dona Laís e no jornal que saiu o falecimento da dona Laís, o oficial já saiu a nomeação da dona Waleska.

V.: Também?

W.: Foi um choque.

V.: Pras outras?

W.: Pras outras.

V.: Que atividade comunista, digamos assim, elas exerciam você sabe?

W.: Ah, não sei, isso eu não sei. Que nessa época até era o capelão da Escola era então, Dom Hélder, né?

V.: Dom Hélder Câmara?

W.: Dom Hélder Câmara era santidade.

V.: Você se lembra de algum nome dessas pessoas?

W.: Não.

V.: Dessas enfermeiras?

W.: Não. Porque ela nunca falou.

V.: Ah sim.

W.: Eu sabia que havia qualquer coisa, mas entre elas assim, publicamente elas não se manifestavam não, sabe?

V.: Nesse período da doença da Laís, a Waleska já estava no Rio de Janeiro, mas não...

W.: Não, como diretora.

V.: Como professora?

W.: É, como professora.

V.: Você se encontrou com ela lá?

W.: Ah, muitas vezes. Eu, eu hospedei na Escola, né? Eu passava o dia no hospital e à noite eu ia dormir na escola, na escola de enfermagem.

V.: E nesse período nada de lembrança de, da conversa com a Waleska sobre a nossa escola?

W.: Ah, não, não.

V.: Nem sobre...

W.: Não.

V.: Os desentendimentos também anteriores?

W.: Não. Nesse ponto nunca conversei com a Waleska nesse assunto. Achei que era um assunto, assim muito delicado, né? Então... certos assuntos a gente não provoca, né?

V.: É.

W.: É.

V.: Então, você acabou não sabendo realmente porque a Waleska saiu da nossa escola [Carlos Chagas] e veio pro Rio?

W.: Não, não. Não fiquei sabendo não.

V.: Mais alguma coisa que seja importante que você esteja se lembrando pra falar pra nós?

W.: Não, acho que não. Acho que eu falei tudo.

G.: Como que você vê a enfermeira hoje?

W.: Olha, eu vejo a enfermagem bem, muito diferente da parte de, acho a enfermeira assim, mais avançada, né? Do que na nossa época. Porque na nossa época a enfermeira era mais tímida e hoje não. Eu acho que a enfermeira tem uma visão muito maior do que no nosso tempo.

V.: Avançado no sentido...

W.: No sentido intelectual, avançado na, na parte social. Que hoje toda a enfermeira aceita o desquite, o casamento novo e naquela época a gente não aceitava, né?

V.: Quando você desquitou, você teve este tipo de problema?

W.: Ah, tive, nossa senhora! Foi um escândalo. Você tá doida, é bom nem lembrar.

[INTERRUPÇÃO DA FITA]

V.: Tá bom, então já que você não tem mais informação, se posteriormente você tiver alguma informação, quiser entrar em contato conosco...

W.: Certo.

V.: Estamos à vontade.

W.: Tá, tá.

V.: Eu agradeço muito a sua participação.

W.: Ah, não tem nada que agradecer, que eu estou às suas ordens.

[FITA 2 - LADO B NÃO FOI GRAVADO]

[FINAL DA ENTREVISTA]

FICHA TÉCNICA

Data da entrevista: 01 de janeiro de 1997

Local: Residência da entrevistada - Juiz de Fora - MG

Número de Fitas: 02

Duração da Entrevista: 90 minutos

Entrevistadores: Geralda Fortina dos Santos

Valda da Penha Caldeira

Traços Biográficos e Sumário: Geralda Fortina dos Santos

Conferência de Fidelidade: Geralda Fortina dos Santos